

A Última Chamada

Capítulo 1: O Ponto Errado

O ônibus avançou além da Escola Padre Manuel Nóbrega como se a educação pública fosse um destino que ninguém quisesse alcançar. Quando desci no ponto errado, diante de um córrego seco na Casa Verde, senti o sol de São Paulo como uma lâmina. A terra rachada sob meus pés exalava um cheiro ácido de poeira e abandono, e as casinhas coloridas do bairro, com janelas entortadas e portas descascadas, pareciam peças de um quebra-cabeça que nunca se completaria. Segurava a pasta de documentos com a força de quem carrega um segredo perigoso. Minha mãe sempre dizia que aqueles papéis eram a diferença entre "ser um fantasma ou um número no sistema". "Números podem ser apagados, mas fantasmas assombram", ela resmungava, enquanto organizava contratos em pastas marcadas com anos de lápis vermelho.

Lembrei-me da primeira vez que a acompanhei a uma atribuição. Eu tinha 12 anos, e ela me levava como testemunha silenciosa de um ritual de humilhação. "Precisa aprender cedo como o mundo trata quem ensina", ela disse, enquanto esperávamos em uma fila que serpenteava por um corredor de tijolos mofados. Naquela época, os professores ainda fumavam no pátio e riam de piadas secas sobre salários atrasados. Agora, 15 anos depois, as piadas haviam virado gritos pintados nos muros da escola: "*SEM ÁGUA, SEM AULA!*" e "*SABESP NOS DEIXOU SECOS*". Um aviso oficial, plastificado e já amarelado, explicava o racionamento com a frieza de um epitáfio.

No pátio, o ar estava denso, mistura de suor e ansiedade. Cerca de cinquenta professores se aglomeravam em bancos de concreto, alguns abanando-se com folhas de papel timbrado, outros mastigando unhas até sangrar. Uma mulher de vestido florido lia *Pedagogia do Oprimido* com a determinação de quem busca uma profecia. Um homem de barba grisalha cochichava para o colega: "Dizem que vão cortar mais turmas este ano". O microfone guinchava, interrompido

por estática, e um jovem de camisa social encharcada tentava anunciar algo inaudível. "Cadê o diretor?", berrou alguém ao fundo. A multidão riu, mas o riso tinha gosto de bile.

Minha mãe conhecia cada nuance daquela coreografia de desespero. Foram duas décadas vendo colegas envelhecerem em filas como aquela. Lembro de uma vez em que ela chegou em casa com os olhos inchados: "A Maria das Graças teve um infarto hoje, na frente da lista de chamada". Maria era professora de geografia, mãe de três filhos, e morreu segurando um crachá com a foto desbotada. "32 aulas semanais são o mínimo para sobreviver", minha mãe repetia, como se decorasse um mantra de sobrevivência. À noite, eu a via somar horas no caderno de capa preta, dividindo R\$ 2.400 pelo número de aulas, multiplicando por remédios para ansiedade e passagens de ônibus. "Se faltar uma aula, falta pão", ela dizia.

Naquele dia, porém, eu ainda acreditava que tudo aquilo era um teste. Um rito de passagem, como aqueles que os antropólogos descrevem em tribos distantes. *"Se você aguentar o sol, a sede e a vergonha, talvez se torne um de nós"*, pensei, ironizando a própria esperança. Olhei para o alto-falante enferrujado, imaginando Paulo Freire ali, empunhando o microfone como arma. Ele diria que aquela espera era a materialização da pedagogia da desumanização — mas Freire estava morto, e nós, vivos, éramos obrigados a negociar migalhas.

Quando o diretor finalmente apareceu, trajando um terno impecável num mar de roupas amarrotadas, seu discurso foi um monumento à contradição: "Educação é prioridade, mas temos recursos limitados". Enquanto ele falava, notei um canteiro de margaridas murchas ao lado do palco. Uma professora ajoelhou-se disfarçadamente para molhá-las com o resto de sua garrafa de água. As flores se ergueram por um instante, apenas para cair novamente, pesadas de poeira.

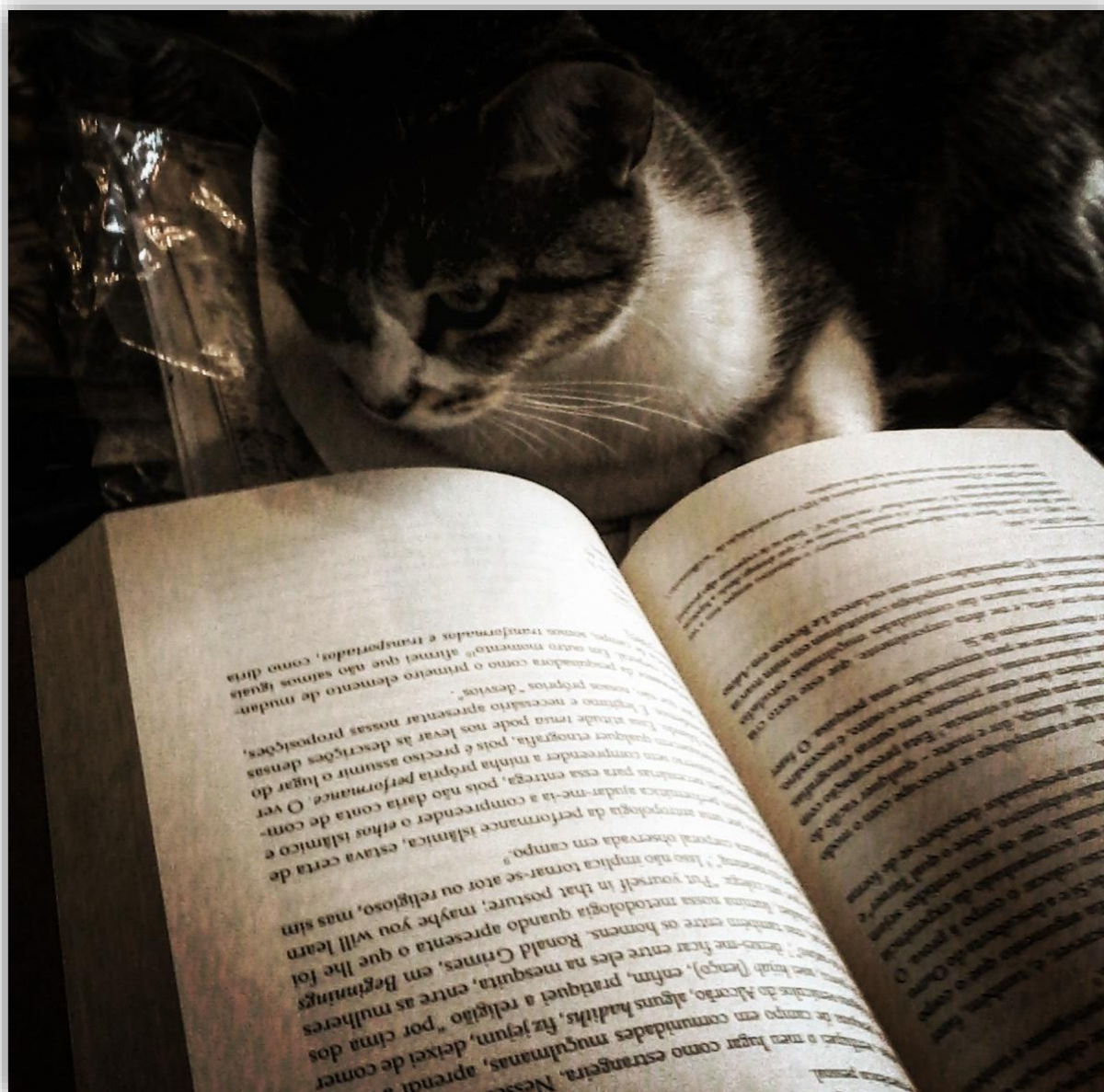
No final do dia, atribuíram-me seis aulas de português para turmas do noturno. "É um começo", menti para mim mesmo, enquanto via professores mais velhos saírem de mãos vazias. No ônibus de volta, passei novamente pelo córrego seco da Casa Verde. As casinhas agora pareciam fichas de um jogo que alguém, em algum lugar, já havia perdido.

Minha mãe me esperava na porta, com um café frio e um sorriso que não chegava aos olhos. "E aí?", perguntou. "Sobrevivi", respondi. Ela acenou com a cabeça, como se eu tivesse dito a única verdade possível.

Naquela noite, sonhei com o córrego cheio d'água, transbordando sobre os muros da escola. As margaridas do pátio flutuavam na correnteza, e os gritos nos muros dissolviam-se em tinta azul. Quando acordei, a pasta de documentos ainda estava ao meu lado, pesada como um cadáver.

Nota:

A metáfora do córrego seco e das margaridas murchas ecoa a ideia de Darcy Ribeiro sobre a educação como "terra árida onde tentamos plantar o impossível". A cena da professora regando as flores com água mineral simboliza a resistência cotidiana dos docentes — um ato fútil na aparência, mas revolucionário na persistência.



Capítulo 2: A Antropologia da Espera

A segunda atribuição foi marcada para um sábado chuvoso, como se o céu quisesse lavar a sujeira invisível das paredes da Diretoria de Ensino. Levei *Pedagogia do Oprimido* na mochila, não por fé, mas por superstição — talvez Freire me desse sorte, como um amuleto contra listas de chamada vazias. O prédio, um cubo de concreto dos anos 70, cheirava a mofo e desinfetante barato. Na sala de espera, cadeiras de plástico quebravam as costas de professores que formavam filas serpentinas, enquanto um ventilador de teto girava lentamente, redistribuindo o ar quente como um sopro de resignação.

A mulher sentada ao meu lado usava um vestido azul desbotado e carregava uma bolsa de pano com o bordado "*Ensinar é resistir*". Seus dedos tamborilavam no livro de Freire que eu segurava. "Já leu ele todo?", perguntou, apontando para a capa. Antes que eu respondesse, ela continuou, baixando a voz: "Minha irmã morreu de câncer na laringe. Dizia que gritar por salário digno a deixou sem voz". Seu nome era Clara, professora de história há 18 anos, e carregava no celular uma foto do filho formado em engenharia — "o único diploma que não me envergonho", disse, rindo com amargura.

Paulo Freire, ali, era um fantasma incômodo. Suas palavras — "*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades*" — ecoavam nas paredes rachadas, enquanto seguranças vigiavam a fila como carcereiros. Clara apontou para um aviso colado na porta: "*Proibido reunir-se em grupos maiores que cinco*". "Isso aqui é um *habitus* da miséria", ela cuspiu, usando termos que não combinavam com seu sotaque arrastado do interior. "O Bourdieu explica: a gente é treinado pra aceitar o lixo como se fosse banquete".

Ela tinha razão. Pierre Bourdieu, em *A Reprodução*, descrevia como estruturas de poder moldam corpos e mentes para perpetuar a desigualdade. Ali, víamos isso na carne: professores aceitando fichas de inscrição amassadas sem reclamar, conformando-se a assinar contratos sem ler, sorrindo para coordenadores que os chamavam de "substitutos". O Estado nos condicionara a naturalizar a precariedade como destino. Até o cafezinho era um treinamento: servido frio, em copos descartáveis rachados, enquanto anúncios de concursos públicos para outras carreiras piscavam em um telão. "Polícia militar oferece plano

de saúde integral", lia-se em letras garrafais. Nenhum cartaz dizia "*Professor: salário em dia*".

Minha mãe, na noite anterior, desabafara enquanto cortava pão duro para o jantar: "Na minha época, a gente fazia greve. Hoje, nem greve fazem, com medo de perder aula e não pagar a luz". Ela contou sobre Valquíria, uma colega que desmaiara durante uma aula de matemática. "Acharam que era fraqueza, mas era fome. Ela dividia o salário com o marido desempregado e escondia a marmita vazia no armário". Quando Valquíria morreu — "de exaustão", segundo o atestado —, a diretoria enviou uma coroa de flores plásticas. "Fantasma não precisa de flores de verdade", minha mãe resmungou, jogando as migalhas do pão para os pombos.

Henry Giroux, citado em um artigo que eu lia às pressas no celular, chamava a educação de "*espaço de guerra*". Naquela sala, éramos soldados sem armadura. Um professor novato, de camisa social amarrotada, levantou-se para questionar o atraso da chamada. "Senhor, se não quiser esperar, há outros candidatos", respondeu a secretária, sem levantar os olhos do computador. Ele se sentou, corado, enquanto cochichávamos: "Devia ter calado". Giroux diria que a humilhação era tática — transformar-nos em inimigos de nós mesmos.

Clara abriu a bolsa e mostrou um frasco de ansiolíticos. "70% de nós tomam isso", disse, citando os dados da UNESCO como quem recita uma sentença. "Mas o governo não vê porcentagem. Vê custo". Pegou um comprimido e o engoliu sem água. "Freire falava de esperança, mas esperança dói", ela filosofou, enquanto o ventilador soprava seu cheiro de suor e medicamento.

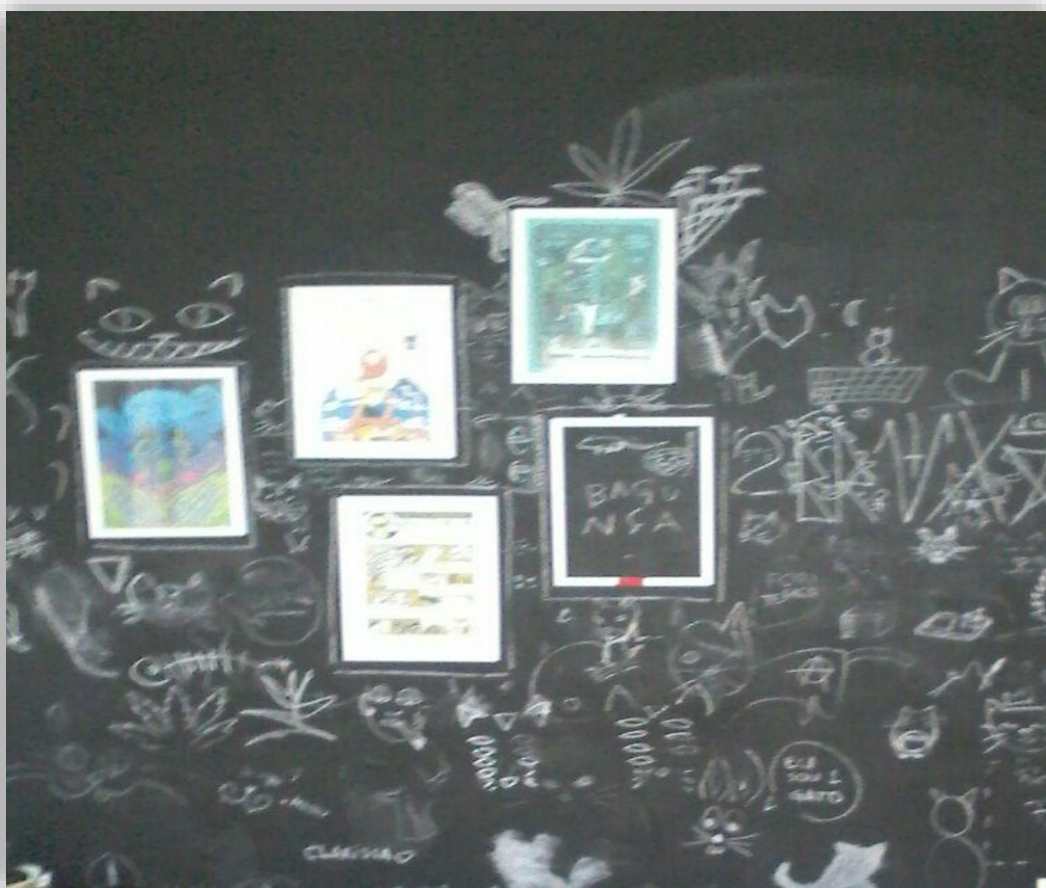
Quando meu nome foi chamado, quatro horas depois, a burocrata me entregou uma folha com turmas espalhadas por três escolas diferentes. "Tem sorte", ela disse, sem sorrir. "Muitos saem sem nada". No ônibus de volta, abri *Pedagogia do Oprimido* em uma página aleatória. Freire escrevera: "*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo*". Olhei pela janela: crianças pulavam em poças d'água na periferia, suas vozes abafadas pelo vidro sujo. Perguntei-me se algum dia elas saberiam que seus professores desmaiavam de fome para que tivessem aulas.

Cheguei em casa e encontrei minha mãe dormindo no sofá, com a TV sussurrando notícias sobre cortes no Fundeb. No chão, seu caderno de capa preta estava aberto. Numa página, ela escrevera: *"32 aulas = R2.400. Menos R2.400. Menos R580 de remédios, menos R300 de transporte... Sobra R300 de transporte... Sobra R1.520. Sobra?"**

Naquela noite, sonhei com Clara. Ela estava em uma sala de aula sem paredes, segurando um microfone que amplificava apenas silêncio. Os alunos escreviam no ar, com dedos sujos de tinta, frases que a chuva apagava: "*Professor, existir é resistir?*" Acordei com o livro de Freire aberto no peito, como uma lápide.

Nota:

A referência ao *habitus* de Bourdieu reflete a internalização da precariedade como norma, enquanto a cena do ansiolítico e do caderno de contas ilustra a materialidade da desvalorização docente. A fala de Clara sobre "esperança que dói" dialoga com o paradoxo freireano de que a educação liberta, mas primeiro precisa romper correntes invisíveis — inclusive as que os próprios professores ajudam a forjar, por sobrevivência.



Capítulo 3: O Silêncio dos Corredores

A terceira atribuição foi em uma escola da zona leste, cujo nome eu esqueci, mas cujas paredes jamais sairão de mim. O prédio tinha cor de cinza sujo, com grades nas janelas que mais pareciam costelas expostas. Nos corredores, o silêncio era quebrado apenas pelo arrastar de chinelos e o eco de vozes roucas anunciando aulas vagas. Foi ali que conheci Marcos, sentado num degrau da escada fumando um cigarro de palha. Seu braço direito trazia uma cicatriz roxa em forma de serrote — "lembrança da última greve", disse, puxando a manga para escondê-la. "Cacetete da PM. Diziam que professor não devia ter voz, só lousa".

Marcos fora demitido após organizar um protesto contra a falta de livros didáticos. "Cortaram minhas aulas como quem corta câncer", contou, cuspidando a fumaça para o alto. "O diretor me chamou de *custo*. Custo. Como se educação fosse balanço contábil". Enquanto falava, apontou para um mural pichado com a frase "*Aqui se fabricam fracassos*". Frantz Fanon, em *Os Condenados da Terra*, escrevera que o opressor não entende a linguagem da razão, apenas a da força. Marcos resumia: "Eles não veem professores. Veem despesas ambulantes".

Nas reuniões da diretoria, o discurso era sempre o mesmo. O coordenador pedagógico, de terno engomado e sorriso de dentista, citava estatísticas falsas sobre melhoria no IDEB enquanto apontava para gráculos coloridos. "Prioridade à educação!", ele bradava, ignorando o mofo escorrendo pelas paredes. Guita Grinberg, em *Educação e Desigualdade*, chamava essas escolas de "*laboratórios de exclusão*". Era verdade: ali, cada carteira quebrada, cada projetor sem lâmpada, era um experimento social para ver até onde a pobreza podia ser pedagogizada.

Quando me atribuíram aulas, foi para uma sala no fundo do pátio, onde o cheiro de esgoto se misturava ao do giz. "A biblioteca foi interditada por infiltração", a coordenadora explicou, entregando-me um tablet com a tela rachada. "Use o celular. Os alunos gostam de tecnologia". Não havia livros, mas havia Wi-Fi — desde que você ignorasse os *pop-ups* de apostilas piratas.

Meus alunos eram sobreviventes de um sistema que os tratava como entulho. Vinham de bairros com nomes como Jardim da Desilusão e Vila Esperança, e carregavam mochilas tão vazias quanto os discursos políticos. Certo dia, João, um garoto de 15 anos com olheiras de quem trabalhava de madrugada,

levantou a mão: "Professor, pra que estudar se o futuro é ser entregador de app?". A pergunta pairou na sala como um soco. Paulo Freire, em algum lugar do além, responderia com sua máxima sobre *"educação como ato de coragem"*. Eu, porém, engoli as palavras. O que dizer a alguém que acordava às 4h para empacotar pães antes da aula?

Marcos, em seus dias de professor, mantivera um diário clandestino. Mostrou-me uma página: *"Ensinei a Revolução Francesa hoje. Um aluno perguntou se Robespierre tinha vale-transporte"*. Rimos, mas o riso morreu quando ele revelou que a diretoria confiscara o diário durante a demissão. "Disseram que incitava revolta. Como se a revolta não estivesse no ar que respiramos", resmungou, acendendo outro cigarro.

A antropóloga Guita Grinberg escrevera que escolas públicas eram espelhos quebrados de uma sociedade que venerava diplomas mas cuspiu nos diplomados. Naquela sala sem biblioteca, o espelho estava estilhaçado no chão: refletia alunos sem livros, professores sem voz, e um sistema que lucrava com a própria decadência. Às vezes, eu os via digitando no celular — não apostilas, mas currículos falsos para conseguir estágios não remunerados. "É prática pra vida", diziam, rindo de uma piada que não tinha graça.

No final do semestre, João desapareceu. "Trancou a matrícula", informou a coordenadora, sem olhar de minha pasta. "Disse que o salário do mercado era melhor que o da sala de aula". Marcos, ao saber, entregou-me um panfleto amassado: *"Greve geral dos professores — por salários e dignidade"*. "Vai vir?", perguntou. Hesitei. Naquele dia, minha mãe estava no hospital, com crise de pressão alta causada por horas-extras não pagas.

Ao passar pelos corredores vazios, ouvi o eco de meus passos como um julgamento. Freire defendera que o silêncio do oprimido era um grito abafado. Mas ali, naquele labirinto de portas fechadas, até os gritos eram engolidos pelas paredes.

Quando voltei para casa, encontrei o tablet da escola em cima da mesa, sua tela rachada refletindo minha cara fragmentada. Liguei-o e vi que um aluno deixara uma mensagem no Google Classroom: *"Prof, ainda vale a pena acreditar em revolução?"*.

Deixei a pergunta sem resposta.

Nota:

A cicatriz de Marcos simboliza a violência estrutural contra professores que ousam desafiar o status quo, ecoando Fanon: *"O colonialismo não se contenta em segurar o povo em suas garras. Por hábito, ele o desumaniza"*. A pergunta não respondida ao aluno reflete o abismo entre a teoria freireana e a realidade de um sistema que transforma educação em mercadoria — uma crítica ampliada por Guita Grinberg ao analisar escolas como zonas de sacrifício social. O silêncio do protagonista não é covardia, mas a constatação de que, às vezes, as respostas precisam ser escritas coletivamente, não em tablets quebrados.



Capítulo 4: A Última Aula

Minha mãe se aposentou em 23 de outubro de 2023, um dia úmido em que o céu de São Paulo parecia uma tampa de panela de pressão. Não houve festa, flores, ou sequer um cartão. Apenas um e-mail automático da Diretoria de Ensino: *"Sua contribuição terminou. Obrigado pelos anos de serviço"*. Ela leu a mensagem em silêncio, segurando o celular com mãos que ainda cheiravam a giz, e depois fechou os olhos, como se desligasse um interruptor interno. "Contribuição", repetiu, rindo de um jeito que doía. Na parede da sala, penduráramos um quadro com seus primeiros diplomas — letras cursivas em papéis amarelos que agora pareciam relíquias de outra era.

Naquela semana, acompanhei minha última atribuição de aulas. O sistema online, implantado como "modernização", travou cinco minutos após o início. Professores de toda a região aglomeravam-se em lan houses de periferia, pagando R\$ 10 a hora para acessar computadores com Windows XP. Em uma dessas salas, de paredes sujas de cola e teclados faltando teclas, vi um rapaz de boné chorar diante da tela azul da morte. "É só uma aula de biologia", ele sussurrou para a namorada, que tentava reiniciar a máquina. "Sem ela, não pago o aluguel". Do outro lado da sala, uma mulher grávida batia no monitor: "Cadê minha senha? Cadê minha vida?".

Enquanto isso, na Praça do Patriarca, a estátua de Paulo Freire amanheceu pichada. *"Morto pela burocracia"*, lia-se em spray vermelho sobre o bronze. Jornalistas fotografavam o vandalismo, enquanto um grupo de estudantes limpava a base com panos molhados. "Ele não morreu; foi assassinado todo dia", disse uma jovem de tranças, segurando um exemplar de *Pedagogia da Autonomia*. A cena viralizou, é claro, mas as hashtags (#FreireVive, #ProfessoresEmLuta) duraram menos que um story do Instagram.

Darcy Ribeiro, em seus escritos, alertara que um país que despreza seus professores constrói democracias de mentira. Naquela tarde, enquanto caminhava para a escola do Matão, passei por um protesto de caminhoneiros bloqueando a Marginal Tietê. Suas faixas diziam *"Combustível justo!"*, e os motores rugiam como animais feridos. Pensei nos professores que, meses antes, tentaram fechar a mesma via por salários. A PM apareceu em dez minutos, com bombas e cassetetes. Para Ribeiro, a educação era o alicerce — mas o Brasil preferia incendiar as fundações.

A escola do Matão estava mais vazia. Turmas canceladas, salas fechadas. Encontrei Maria Clara, uma ex-aluna de minha mãe, desenhando mapas do mundo em um caderno rasgado. "É pra eu não esquecer que existe lugar melhor", disse, mostrando a Europa como um arquipélago de sonhos. Seus dedos tremiam — ela trabalhava de madrugada num lava-rápido e dormia nas aulas. "Minha mãe diz que estudo não enche panela", contou, riscando a Ucrânia com caneta vermelha. "Mas a senhora dizia que panela vazia é motivo pra lutar, não pra desistir".

Minha mãe. Sempre ela.

Quando a noite caiu, voltei para casa e a encontrei queimando papéis no fundo do quintal. Seu caderno de capa preta — aquele que registrara décadas de contas, aulas e nomes de alunos — virou cinzas em segundos. "O passado a gente carrega até não aguentar", justificou, alimentando o fogo com recibos de salário. Assisti às páginas encurvarem-se no calor, números virando brasa. Em uma folha meio queimada, li: "*Mariana, 2005: Queria ser médica. Morreu grávida aos 16*". O vento levou o resto.

Na despedida, ela me entregou uma caixa de grampeador. "É o que sobrou da minha sala", disse. Dentro, havia um brinco perdido, um botão de camisa e uma foto dela jovem, em frente a uma lousa cheia de equações. "Eu acreditava que números podiam mudar o mundo", riu, com lágrimas escorrendo para o chão. "Mudei foi de opinião".

Na manhã seguinte, retornei à Diretoria de Ensino. A fila estava menor, mas o desespero, maior. Um professor de geografia oferecia aulas particulares por R\$ 20 a hora no corredor. "Dou desconto se for em grupo", anunciava, como se vendesse legumes. Outro, de história, dormia encostado na parede com um cartaz no peito: "*Aceito trocar aulas por remédios para pressão*".

Quando meu nome foi chamado, recebi um código de acesso para aulas virtuais. "Ensino híbrido", a atendente explicou, com um sorriso de atendente de telemarketing. "Economiza recursos". Perguntei se "recursos" incluía professores. Ela não respondeu.

Ao sair, olhei para o céu do Matão — agora cinza-ferroviário, pesado de poluição que não chovia. Lembrei de Maria Clara e seus mapas. Talvez a mudança começasse ali, nas margens dos cadernos, onde alunos desenhavam futuros que não ousávamos mais imaginar. Enquanto isso, eu seguiria carregando minha pasta

de documentos, a mesma que minha mãe carregara, com contratos que cheiravam a mofo e promessas apodrecidas.

No ônibus, abri o grampeador dela. Dentro, havia um bilhete dobrado: *"Ensinar exige saber escutar. Mas cuidado: às vezes, o que você ouve vai doer mais que o silêncio"*.

Ao passar pela Praça do Patriarca, vi que a pichação na estátua de Freire fora limpa. No lugar, alguém grafara: *"Ainda podemos ser sementes?"*.

Não sei quem escreveu. Talvez tenha sido Maria Clara. Talvez o rapaz do boné que chorava na lan house. Talvez minha mãe, em algum gesto invisível de revanche contra o fogo.

Quando cheguei em casa, a pasta de documentos caiu no chão, derramando papéis. Deixei-os lá. Naquela noite, pela primeira vez, o silêncio dos corredores não ecoou cansaço — ecoou desafio.

Nota:

A cena da mãe queimando o caderno simboliza a destruição de memórias dolorosas, mas também a libertação do peso da dívida simbólica imposta aos professores. A pergunta na estátua de Freire (*"Ainda podemos ser sementes?"*) remete a Darcy Ribeiro, que via a educação como terra fértil mesmo em meio ao caos. O grampeador e o bilhete representam a herança invisível da resistência docente — ferramentas aparentemente banais que, nas mãos certas, podem costurar rupturas. O capítulo encerra com uma ambiguidade freireana: o silêncio que já foi sintoma de opressão transforma-se em semente de rebelião.

Referências

1. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra, 1968.
2. BOURDIEU, Pierre. *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Vozes, 1970.
3. GIROUX, Henry. *Teoria Crítica e Resistência em Educação*. Vozes, 1986.
4. GRINBERG, Guita. *Educação e Desigualdade no Brasil*. Fiocruz, 2002.
5. UNESCO. *Relatório Global sobre a Condição Docente*. 2018.

"A educação não muda o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas mudam o mundo."

— Paulo Freire

Um Último Registro:

As imagens que interrompem estes capítulos foram capturadas pela lente do próprio autor — ou melhor, pela lente da personagem que carrega a pasta de documentos. São instantâneos do mundo real que a ficção tenta traduzir em palavras: o gato sobre o livro abandonado, parede de uma sala onde desenhos de jogos e escritos se fundem ao quadro-negro, a estante de livros empoeirada. São provas de que esta história, embora inventada em seus detalhes, é feita da mesma matéria que o cotidiano.